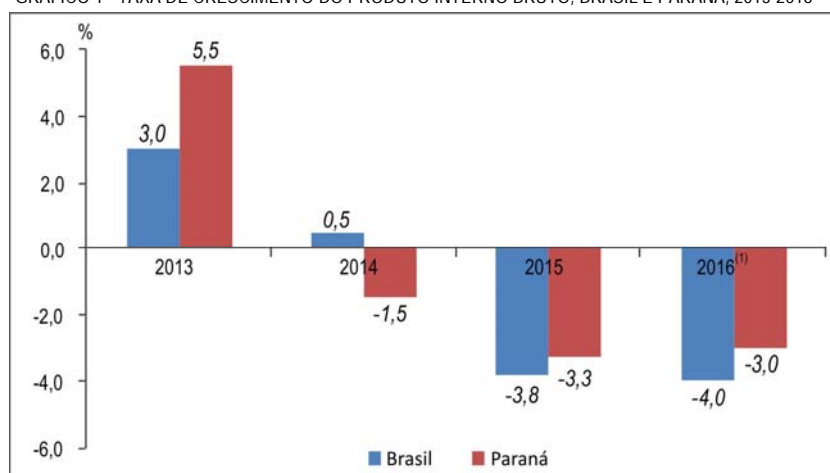


No ano que se encerrou, a economia brasileira permaneceu com todos os ingredientes recessivos já observados nos dois anos anteriores, e os resultados alcançados pelo PIB do terceiro trimestre de 2016 frustraram sobremaneira todos aqueles que, meses antes, acreditavam em início de recuperação no período recente. Em termos sazonais, o agregado recuou 0,8% contra o segundo trimestre, e a taxa acumulada no ano apresenta um decréscimo de 4,0% (gráfico 1), o que faz projetar mais uma taxa negativa para o ano, podendo alcançar algo em torno de -3,48%, segundo estimativas do Boletim Focus de 16 de dezembro último. Os principais componentes dessa trajetória expressam-se nos ainda decrescentes níveis de consumo das famílias, com recuo de 4,7% e queda de 11,6% dos investimentos, o que consolidou a trajetória decadente desse agregado, registrada a partir do final de 2013 e fez a formação bruta de capital fixo retornar a patamares observados em 2009.

GRÁFICO 1 - TAXA DE CRESCIMENTO DO PRODUTO INTERNO BRUTO, BRASIL E PARANÁ, 2013-2016



FONTE: IBGE

(1) Taxas acumuladas até setembro.

Sem dúvida, a performance global veio sendo determinada pelo ambiente político conturbado e por expectativas dos agentes econômicos que, ao contrário do captado pelos indicadores antecedentes, permanecem tomadas por elevado grau de incerteza. Além da vertente política, a paralisação observada no mercado de trabalho (a propósito, componente razoavelmente subestimado por ampla maioria dos analistas em suas projeções durante o primeiro semestre do ano passado para o PIB de 2017), condições financeiras das empresas, elevado endividamento das famílias, com impacto direto sobre o setor imobiliário, constituem importantes impeditivos da tão desejada recuperação econômica do país.

Cabe atentar, ainda, para a forte restrição fiscal do governo federal e dos governos estaduais, oriunda da combinação entre contínua elevação da despesa em anos anteriores e queda de arrecadação, em alguma medida interferindo no curtíssimo prazo tanto na execução orçamentária como nos níveis de massa salarial das economias regionais em função dos atrasos e parcelamentos de vencimentos da folha em algumas unidades da Federação.

Nesse contexto, aprofundou-se a crise do mercado de trabalho, cujas taxas de desocupação (tabela 1), em continuado aumento, partem de 7,9% da força de trabalho no início de 2014 para 11,8% no terceiro trimestre de 2016 – em medida importante, afetada pela diminuição do número de vagas desde meados de 2015.

* Economista, Diretor do Centro de Pesquisa do IPARDES.

TABELA 1 - TAXA DE DESOCUPAÇÃO E VOLUME DE OCUPADOS, BRASIL E PARANÁ - 2014-2016

TRIMESTRE	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)		OCUPADOS (Abs.)	
	BRASIL	PARANÁ	BRASIL	PARANÁ
Jan.-fev.-mar./2014	7,2	4,1	91 252	5 516
Abr.-maio-jun./2014	6,8	4,1	92 052	5 548
Jul.-ago.-set./2014	6,8	4,1	92 269	5 568
Out.-nov.-dez./2014	6,5	3,7	92 875	5 510
Jan.-fev.-mar./2015	7,9	5,3	92 023	5 428
Abr.-maio-jun./2015	8,3	6,2	92 211	5 433
Jul.-ago.-set./2015	8,9	6,1	92 090	5 435
Out.-nov.-dez./2015	9,0	5,8	92 245	5 521
Jan.-fev.-mar./2016	10,9	8,1	90 639	5 450
Abr.-maio-jun./2016	11,3	8,2	90 798	5 446
Jul.-ago.-set./2016	11,8	8,5	89 835	5 378

FONTE: IBGE

A perda no volume de emprego, associada à estagnação dos rendimentos do trabalho, veio provocando expressiva perda da massa salarial, a qual entre o terceiro trimestre de 2014 e o terceiro de 2016 acumula queda de 3,9%, conforme a PNAD Contínua. O impacto mais imediato dessa perda de rendimentos recai sobre a capacidade de consumo das famílias, refletido nos índices do comércio varejista, que segundo a Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE registram perdas acumuladas de 6,7% e 9,3% no conceito ampliado (que inclui veículos e material de transporte) até outubro último, determinadas por fortes retrações em bens de consumo semiduráveis e duráveis, como vestuário e calçados, móveis e eletrodomésticos, além de veículos e materiais de construção.

Em meio a esse contexto, o Paraná, nos cálculos preliminares do IPARDES, teve declínio acumulado até o terceiro trimestre do ano, de 3,0%, influenciado por sua indústria de transformação, pelo baixo dinamismo verificado no setor de serviços e comércio, e por uma frustração de safra, com relação àquela de 2015.

Na agropecuária, a queda de 5,7% da safra de grãos paranaense apontada pelo Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (com fechamento até novembro) foi influenciada por condições menos favoráveis do clima, atingindo a produtividade e a produção, tendo particularmente soja e milho recuado 1,5% e 11,7%, enquanto o trigo teve sua produção ampliada em 1,6%.

A indústria paranaense acumula declínio de 6,2% até outubro conforme o IBGE, significativamente afetado pelo recuo da produção automotiva, que acumulou queda de 11,8%. Além disso, tal desempenho associa-se a outros traços da recessão brasileira, que se refletem no decréscimo de 6,7% no setor de máquinas e equipamentos, em bens duráveis como mobiliário e em minerais não metálicos – os últimos, particularmente em resposta ao arrefecimento da construção civil.

Em parte, a indústria tem buscado compensação no mercado externo, o que certamente contribuiu para a elevação das exportações globais do Estado no ano passado, em 1,1% em valores acumulados até novembro, contra o declínio de 2,9% registrado pelas exportações nacionais em idêntica comparação. São exemplares nesse sentido, conforme a tabela 2, o segmento automotivo (material de transporte e componentes), com expansão de 31,1%, o de máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, com ampliação de 17,7%, e vidros, com aumento de 287,9%. Percebem-se, ainda, os impactos da operação de novo empreendimento do Estado na produção de celulose, que determinou forte salto nas exportações do grupo papel e celulose, de US\$ 527 milhões de janeiro a novembro de 2015, para US\$ 782 milhões no mesmo intervalo de 2016.

TABELA 2 - EXPORTAÇÕES SEGUNDO GRUPOS DE PRODUTOS - PARANÁ - JANEIRO A NOVEMBRO 2015-2016

GRUPO	JANEIRO-NOVEMBRO 2015		JANEIRO-NOVEMBRO 2016		TAXA DE CRESCIMENTO (%)
	(US\$)	Part. (%)	(US\$)	Part. (%)	
Complexo soja	4 513 630 640	32,8	4 293 227 998	30,8	-4,9
Complexo carnes	2 401 925 975	17,4	2 420 179 363	17,4	0,8
Material de transporte e componentes	1 208 828 310	8,8	1 585 301 292	11,4	31,1
Açúcar	782 210 998	5,7	858 215 858	6,2	9,7
Madeiras e manufaturas de madeira	821 545 272	6,0	822 359 756	5,9	0,1
Papel e celulose	527 347 516	3,8	782 202 175	5,6	48,3
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	518 929 422	3,8	610 545 001	4,4	17,7
Produtos químicos	554 244 098	4,0	446 288 720	3,2	-19,5
Café	349 561 887	2,5	344 709 434	2,5	-1,4
Cereais	550 894 286	4,0	324 796 128	2,3	-41,0
Calçados e couro	183 209 512	1,3	175 453 098	1,3	-4,2
Produtos metalúrgicos	161 959 088	1,2	163 567 683	1,2	1,0
Materiais elétricos e eletrônicos	151 724 010	1,1	153 999 840	1,1	1,5
Petróleo e derivados	233 659 358	1,7	129 842 135	0,9	-44,4
Produtos têxteis	109 947 607	0,8	89 273 245	0,6	-18,8
Móveis e mobiliário médico-cirúrgico	83 836 333	0,6	76 476 838	0,5	-8,8
Instrumentos, aparelhos de ótica e de precisão	35 697 647	0,3	38 257 245	0,3	7,2
Suco de laranja congelado	32 271 875	0,2	33 723 511	0,2	4,5
Ferramentas	27 645 454	0,2	26 988 494	0,2	-2,4
Produtos cerâmicos	27 010 089	0,2	22 653 390	0,2	-16,1
Bebidas - cerveja e refrigerante	27 228 806	0,2	16 249 336	0,1	-40,3
Metais e pedras preciosas e joalheria	12 900 374	0,1	14 731 461	0,1	14,2
Chocolate e suas preparações	7 649 691	0,1	14 364 156	0,1	87,8
Vidro e suas obras	2 086 916	0,0	8 094 638	0,1	287,9
Obras de pedras e semelhantes	5 780 097	0,0	6 302 075	0,0	9,0
Demais produtos	443 475 979	3,2	463 838 823	3,3	4,6
TOTAL	13 775 201 240	100,0	13 921 641 693	100,0	1,1

FONTE: MDIC-SECEX

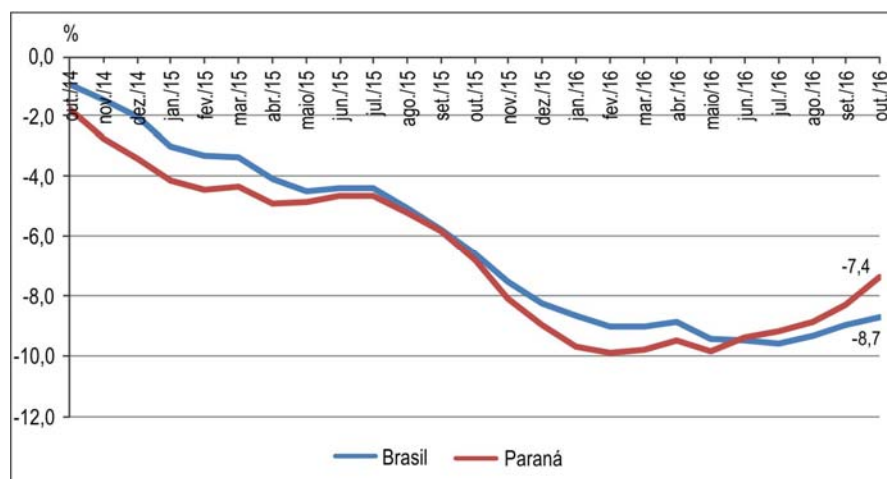
NOTA: Elaboração do IPARDES.

O mercado de trabalho paranaense não deixou de sentir a crise nacional, havendo importante aumento em sua taxa de desocupação, ainda que mantida entre as menores do país, com patamar significativamente abaixo da média nacional (8,5% contra 11,8%), e com os maiores padrões de rendimentos do trabalho e acima da média nacional (respectivamente, R\$ 2.172,00 e R\$ 2.015,00 no terceiro trimestre).

Em consequência da falta de fôlego do mercado de trabalho, o desempenho do comércio estadual também manteve índices expressivamente negativos nas vendas, acumulando quedas de 6,3% e 7,4%, a última no conceito ampliado da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE.

Em que pese o ambiente recessivo do país, o Estado do Paraná apresentou alguns indicativos mais favoráveis a uma retomada, em caso de recuperação da economia brasileira a partir de 2017. Aponte-se inicialmente, tendo em perspectiva o impacto sobre os níveis de consumo e os índices do comércio, o crescimento real, após vários trimestres de declínio, de 1,2% da massa salarial, do segundo para o terceiro trimestre de 2016, enquanto no país a massa prosseguiu em queda, ainda que pequena, de 0,1% na mesma comparação. A propósito, um comportamento mais favorável, de minoração de performances negativas do comércio no conceito ampliado, é perceptível para o Estado desde meados do ano passado, alcançando -7,4% contra -8,7% do Brasil em período de doze meses (gráfico 2).

GRÁFICO 2 - TAXA DE CRESCIMENTO DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO EM PERÍODOS ANUAIS, BRASIL E PARANÁ - 2014-2016



FONTE: IBGE, Pesquisa Mensal do Comércio (Ampliado)

Por sua vez, o movimento observado no último trimestre do ano, dos agricultores paranaenses, de antecipação do plantio da safra (particularmente, a soja) permite, contando com um regime de chuvas adequado, projetar um desempenho de safra superior para 2017, com óbvios efeitos positivos sobre o PIB do Estado, tanto em termos diretos como indiretos, dados os encadeamentos produtivos e correspondentes efeitos sobre o emprego e a renda. Em caso de colheita bem sucedida, a safra paranaense pode crescer até 3,3% segundo estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), e contribuir para a ampliação de até 15% da safra brasileira em 2016/2017, segundo a mesma fonte.

Conforme tratado anteriormente, o setor manufatureiro estadual prossegue em queda, ainda fortemente influenciado pela baixa produção de segmentos como o de automóveis e outros vinculados à construção civil. Mesmo assim, vale registrar, nos últimos três meses até outubro de 2016, certa estabilização nos níveis de produção de alguns setores da indústria paranaense com relação ao ano anterior, principalmente daqueles que são importantes na estrutura estadual, como alimentos e bebidas, madeira e papel e celulose. Entre outros, estes, além de demonstrar alguma recuperação de volume, superam o desempenho registrado pela indústria nacional nesse comparativo, conforme disposto na tabela 3. Mesmo com taxas negativas, em geral revelam alguma recuperação ou ao menos aproximação dos índices registrados no ano anterior, como em produtos químicos e produtos de borracha e material plástico.

TABELA 3 - TAXA DE CRESCIMENTO (%) DA PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA, BRASIL E PARANÁ, 2015-2016

ATIVIDADES	TRIMESTRE AGO-OUT/2016/ TRIMESTRE AGO-OUT/2015 (%)	
	Brasil	Paraná
Indústria geral	-5,7	-4,8
Indústrias de transformação	-5,0	-4,8
Fabricação de produtos alimentícios	-1,6	-1,6
Fabricação de bebidas	-3,6	1,5
Fabricação de produtos de madeira	2,2	10,6
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	2,9	9,6
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-11,5	-9,4
Fabricação de outros produtos químicos	0,6	-0,6
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	-4,1	-0,2
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	-13,1	-6,0
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-4,4	-1,0
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-3,7	-5,7
Fabricação de máquinas e equipamentos	-10,0	-4,3
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	-4,6	-6,6
Fabricação de móveis	-6,8	-9,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física

A consolidação do cenário recessivo e uma trajetória muito lenta de minimização da queda da renda em 2016 deslocaram para frente o início de uma retomada efetiva da economia brasileira. Essa retomada e, em decorrência, a da economia paranaense, deverá continuar dependendo de progressiva melhoria das condições fiscais do país e de uma contribuição do governo federal em investimentos administrados e operacionalizados em parceria com a iniciativa privada. Por outro lado, dependerá da resposta à trajetória cadente dos juros básicos praticados pelo Banco Central ao longo do próximo ano, da melhoria marginal das condições de endividamento e financiamento de famílias e empresas, conforme buscado pelo Ministério da Fazenda em minipacote anunciado em dezembro último, da melhoria, de fato, das expectativas dos agentes econômicos e, fundamentalmente, da recuperação do mercado de trabalho, a ponto de propiciar uma guinada nos volumes de crédito e nos níveis de consumo e investimento.

A Organização das Nações Unidas (ONU) possui uma agência devotada à proteção de mecanismos de comunicação de massa, a União Internacional de Telecomunicações (UIT). Esta entidade é responsável, entre outras atribuições, por alocar órbitas de satélites e definir parâmetros globais para utilização de frequências de rádio. Reúne centenas de organizações públicas e privadas, com funções operacionais, regulatórias e acadêmicas. O relatório anual da UIT, divulgado em meados de novembro, apresentou projeções para a disseminação de tecnologias do setor. Nesse documento encontra-se a informação de que há cerca de 7,38 bilhões de assinaturas de telefones móveis no mundo. Há 99,7 assinaturas para cada 100 habitantes do planeta. Uma década atrás, essa relação era de 41,7 para 100 habitantes.

O número de assinaturas de acesso móvel à internet é, desde 2008, superior àquele de assinaturas de banda larga fixa. O acesso móvel atende a vasta gama de dispositivos, para além de telefones. A propagação global do uso de *smartphones*, contudo, sugere que esses equipamentos sejam o motor da demanda por acesso móvel. Segundo dados da UIT, existem 3,65 bilhões de assinaturas dessa modalidade de conexão (49,4 delas para cada 100 habitantes). Renda dos consumidores e infraestrutura são determinantes na difusão dessa tecnologia. Assim, tem-se que enquanto a penetração dessa modalidade de conexão alcança, em países desenvolvidos, 90,3 assinaturas para cada 100 habitantes, essa relação é de 40,9 para 100 em países em desenvolvimento.

As informações do relatório concernentes ao custo da conexão móvel levam em conta a renda nacional bruta *per capita* e a paridade do poder de compra, fornecidas pelo Banco Mundial, para definir o quanto o preço dessa assinatura representa na renda da população. A mais recente tabulação utiliza preços de 2015 para contratos pré e pós pagos, considerando franquias comparáveis quanto ao volume de dados. No primeiro caso, percebe-se que a conexão representa 0,78% da renda nacional bruta *per capita* brasileira; no segundo, representa 1,25%.

Os dados mais confiáveis sobre o uso de telefonia e acesso móvel à internet no Brasil são aqueles disponíveis em suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2015, produto de convênio entre o IBGE e o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Essa pesquisa, denominada PNAD TIC, revelou que o número de usuários de telefones móveis no País é superior a 139 milhões, equivalente a 78,3% da população com dez anos de idade ou mais.

A proporção de pessoas que acessaram a internet através de telefones móveis, inclusive aquelas que não possuem um aparelho do gênero, alcançou 87,8% da população. De acordo com a pesquisa, o telefone celular foi o único meio de conexão à rede de 26,5% dos habitantes. Esse meio superou largamente as ligações através de microcomputadores (71,1%), *tablets* (15,7%) e televisões (5,2%). A desagregação regional mostrou que 84,5% dos paranaenses valeram-se de celulares para se conectarem à internet, sendo que para 19,5% esse foi o único meio pessoal de ligação. A pesquisa também dispõe desses dados para a Região Metropolitana de Curitiba, onde o acesso por telefones móveis é mais difundido (87,9%), mas o número de pessoas que os utiliza como único instrumento de conexão é menor (16,5%).

O grau de penetração por faixas etárias no Brasil segue a tendência global, em que a posse do aparelho é menor entre os mais novos e os mais velhos (tabela 1).

* Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

TABELA 1 - PERCENTUAL DE PESSOAS QUE TINHAM TELEFONE MÓVEL CELULAR PARA USO PESSOAL, SEGUNDO GRUPOS DE IDADE E GRANDES REGIÕES - 2015

GRUPOS DE IDADE	BRASIL	GRANDES REGIÕES				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
TOTAL	78,3	68,6	69,6	82,6	82,8	86,9
10 a 14 anos	54,1	36,5	43,6	63,6	61,5	63,8
15 a 17 anos	81,0	65,0	72,4	87,5	89,2	89,8
18 ou 19 anos	87,0	75,2	80,5	91,6	92,6	93,7
20 a 24 anos	89,6	79,0	83,3	94,0	93,9	94,5
25 a 29 anos	89,8	80,6	82,8	93,9	94,7	95,2
30 a 34 anos	89,4	80,0	82,2	93,6	93,6	94,3
35 a 39 anos	87,9	78,3	79,4	92,7	92,2	94,0
40 a 44 anos	86,4	77,2	77,2	91,1	90,4	93,0
45 a 49 anos	84,2	76,0	75,4	88,2	87,8	91,8
50 a 54 anos	82,2	74,2	72,6	86,1	85,0	91,2
55 a 59 anos	78,0	69,1	68,7	81,2	82,2	86,6
60 anos ou mais	56,6	51,7	46,9	59,0	61,9	69,9

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2015)

Considerando-se apenas a população economicamente ativa (PEA), tem-se que 87,4% dos indivíduos possuem celulares. Dentre a população ocupada, há nítido desnível entre a posse do equipamento por trabalhadores agrícolas (55,5%) e pelos demais grupamentos (tabela 2). O detalhamento regional sugere que, para além de discrepâncias de renda, a infraestrutura e a concorrência são fatores relevantes. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), 28,6% dos municípios contam com oferta de serviços de apenas uma operadora de telefonia móvel. Embora existam casos do gênero em todo o País, sua ocorrência é proporcionalmente maior em cidades do Norte e Nordeste.

TABELA 2 - PERCENTUAL DE PESSOAS QUE TINHAM TELEFONE MÓVEL CELULAR PARA USO PESSOAL, SEGUNDO OCUPAÇÕES E GRANDES REGIÕES - 2015

GRUPAMENTOS OCUPACIONAIS NO TRABALHO PRINCIPAL	BRASIL	GRANDES REGIÕES				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
TOTAL ⁽¹⁾	87,2	76,5	78,5	91,7	91,1	93,9
Dirigentes em geral	97,2	95,4	95,7	97,5	97,9	98,4
Profissionais das ciências e das artes	97,5	93,8	95,9	98,1	98,2	98,9
Técnicos de nível médio	96,9	92,5	94,8	97,8	97,4	98,7
Trabalhadores de serviços administrativos	97,3	96,6	97,4	97,1	97,4	98,4
Trabalhadores dos serviços	89,3	83,8	86,3	90,2	91,5	93,7
Vendedores e prestadores de serviço do comércio	91,8	84,3	88,2	94,0	95,5	95,9
Trabalhadores agrícolas	55,5	43,0	45,6	66,1	69,6	77,9
Trabalhadores da produção de bens e serviços e de reparação e manutenção	88,6	79,6	83,3	90,8	91,4	93,7
Membros das forças armadas e auxiliares	98,6	97,7	98,6	98,7	98,2	99,7

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015

NOTA: Refere-se à população de 10 anos ou mais de idade.

(1) Inclusive as pessoas com ocupação mal definida.

De uma maneira geral, a oferta de serviços de telefonia – setor intensivo em capital – apresenta concentração em todo o globo. Levando-se em conta todas as frequências utilizadas pelas operadoras de telefonia móvel, o grau de concentração do segmento no Brasil, quantificado através do índice Herfindahl-Hirschman, é comparável ao de Dinamarca e Estados Unidos. Quando calculada somente a oferta de serviços de quarta geração (4G), a concentração do mercado local torna-se sensivelmente maior. Ainda assim, situa-se no patamar daquela encontrada na Itália, Bélgica e Nigéria.

Uma vez que os telefones móveis tornaram-se parte indissociável do cotidiano, por meio do acesso a serviços – privados e públicos – que suplantam a transmissão de voz e funcionam, inclusive, como meio de pagamento, sua importância econômica é crescente. De acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2015, há 114 estabelecimentos no País que fabricam aparelhos telefônicos ou suas peças. No final daquele ano, eram responsáveis pela contratação de 11.420 indivíduos. A pesquisa revela que, na mesma época, havia 80.241 vínculos de emprego formal associados ao comércio varejista de equipamentos de telefonia e comunicação, em 17.814 estabelecimentos. O setor de serviços compreende, também, grande leque de atividades ligadas ao setor, de pesquisa e desenvolvimento ao conserto dos equipamentos. De acordo com a RAIS, os serviços associados à telecomunicação sem fio reuniam 1.297 estabelecimentos, que empregavam 53.100 pessoas.

A fabricação de equipamentos de comunicação, aferida pela Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF/IBGE), registrou retração acumulada no ano de 14,6%, no mês de outubro. A indústria de transformação adelgaçou-se 7,0% no mesmo período. O segmento de equipamentos de comunicação compreende, entretanto, gama de produtos bastante diversificada. Medida alternativa da fabricação de celulares reside no desempenho da produção de eletrônicos, segundo informações da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA). A única grande categoria de eletrônicos cuja produção cresceu foi a de celulares. Nos oito primeiros meses de 2016 houve expansão de 6,0% no volume de produção, na comparação com o mesmo período de 2015.

A venda de telefones móveis no segundo trimestre deste ano, por sua vez, caiu 1,7% em relação ao mesmo trimestre de 2015, conforme informações da IDC Brasil divulgadas pela Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (ABINEE). Houve retração na comercialização de *smartphones* (-4,8%) e expansão na venda de celulares convencionais (35,1%). A receita dessas vendas, contudo, foi 15,7% maior, na mesma comparação temporal.

A mais longa recessão da história do País alterou drasticamente os padrões de gastos das famílias. Pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) sobre o comportamento dos consumidores revela que 78% trocou produtos por similares de preço inferior, 34% desligaram-se ou foram desligados de planos de saúde, 24% venderam bens para reduzir ou quitar dívidas, 19% mudaram de residência para reduzir custos e 14% daqueles com filhos transferiram-nos de escolas privadas para públicas. Assim, a observação de que o mercado de telefonia móvel mostra estabilidade na produção e nas vendas, e o fato de que há uso mais intenso de transmissão de dados, revelam o quão relevante essa tecnologia se tornou nos orçamentos familiares.

O SUCO DE LARANJA BRASILEIRO NO MERCADO GLOBAL

Ana Sílvia Martins Franco*

A laranja brasileira destaca-se por sua qualidade, pois é pouco ácida, ideal para a produção de suco. Em razão da grande escala de produção e do baixo custo no processo, o Brasil tornou-se o maior produtor de suco de laranja, responsável por 60% da produção mundial, segundo o Ministério da Agricultura. Aproximadamente 80% da produção brasileira de laranja é destinada à indústria de bebidas para a produção de suco.

A maior concentração de laranjais do país está situada em São Paulo e Triângulo Mineiro, no chamado cinturão citrícola. A região é favorecida por sua topografia, possui solo adequado, com terras férteis, o clima é favorável, há mão de obra qualificada e disponibilidade de insumos, além de contar com vários institutos de pesquisa destinados a perscrutar soluções, a fim de prevenir e combater doenças da laranja e melhorar a qualidade das frutas.

Nesse contexto, o Brasil tornou-se o maior exportador de suco de laranja do mundo. De janeiro a novembro de 2016, foram exportados US\$ 765,9 milhões em suco de laranja concentrado e congelado (477,4 mil toneladas), US\$ 437,66 milhões do suco não concentrado, pronto para beber (1,3 milhões de toneladas), e US\$ 524,17 milhões de outras bebidas derivadas do suco de laranja, como refrescos e águas saborizadas (338 mil toneladas).

Os principais importadores do suco de laranja brasileiro são a União Europeia, Estados Unidos, Japão e China. Até novembro de 2016, as exportações da bebida para a União Europeia somaram US\$ 1,13 bilhões, equivalente a 1,5 milhões de toneladas. Os Estados Unidos importaram US\$ 311,61 milhões, 485,1 mil toneladas de suco. Foram exportados US\$ 900 milhões para o Japão e US\$ 53,7 milhões para a China, correspondente a 57,1 e 30,8 mil toneladas, respectivamente.

A demanda mundial de suco de laranja perdeu força nos últimos anos e, segundo estudo realizado pelo Centro de Pesquisas e Projetos em Marketing e Estratégia (Markestrat), atingiu os níveis do início da década de 1980. De acordo com a pesquisa, que utilizou dados da indústria de suco e de outras fontes, como Euromonitor, Nielsen, USDA, Tetrapak e Planet Retail, o consumo nos 40 principais mercados globais de suco de laranja caiu de 2 milhões de toneladas em 2014 para 1,9 milhões em 2015.

Nos países desenvolvidos, a redução na demanda pelo suco está atrelada ao envelhecimento dos consumidores tradicionais, posto que as gerações mais novas têm predileção por outras bebidas. Nos países emergentes, o entrave é concernente ao fator preço. Ademais, em um cenário de crise econômica, passa-se a consumir bebidas mais baratas.

O preço do suco de laranja é definido pela Bolsa de Nova York e, apesar da valorização do dólar frente ao real e da aversão a risco, devido à eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, que derrubou o preço das principais *commodities* agrícolas negociadas nas bolsas de Nova York e Chicago, alcançou a maior média mensal da história no mês de novembro. Foi cotado a US\$ 212,93 cents/libra (centavos de dólar por libra-peso), em contratos futuros. A elevação no preço da *commodity* ocorreu devido à queda nos estoques mundiais do suco e à retração na oferta global.

Adversidades ocorridas no Brasil provocaram diminuição na safra 2015/2016. As alterações no clima, ocasionadas pelo *El Niño*, afetaram a produção em diversas regiões. As altas temperaturas prejudicaram os frutos em desenvolvimento nos pomares e, posteriormente, não ocorreram novas floradas devido ao solo úmido. Soma-se a isso, o avanço do *greening* nos pomares paulistas.

A Flórida, nos Estados Unidos, abriga o segundo maior parque citrícola do mundo, contudo a produção de citrus na região foi fortemente afetada pela incidência de *greening* nos pomares, que reduziu o rendimento das lavouras concomitantemente ao encolhimento das áreas remanescentes, segundo relatório do Departamento de Agricultura americano (USDA).

* Economista, técnica da equipe permanente desta publicação.

Com a quebra de safra na Flórida, o Brasil, que é o principal fornecedor de suco para os Estados Unidos, expandiu as exportações para o país. Todavia, a retração no consumo da bebida no mercado interno americano compensou o encolhimento da produção do suco, inibindo elevação nas importações do produto.

Enquanto a demanda por suco de laranja perde força e contrai em seu maior mercado consumidor – os Estados Unidos –, no Brasil, o consumo se propaga. O brasileiro está mudando seus hábitos e passou a consumir sucos saudáveis prontos. O suco integral, 100% laranja, vem ampliando sua participação no mercado interno.

O Fundo de Defesa da Citricultura (FUNDECITRUS) estima retração na oferta de laranja na safra 2016/2017 do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo Mineiro. Presume-se que a produtividade média por árvore produtiva seja reduzida devido às condições climáticas desfavoráveis. Deste modo, a Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR) conjectura que a oferta de suco de laranja seja praticamente igual à demanda. Por consequência, os preços devem se manter em patamares elevados.

AGROINDÚSTRIA

Convênio entre Cooperativas

O município de Pitangueiras, na Região Norte Central Paranaense, abrigará unidade de recebimento de grãos avaliada em R\$ 8 milhões. A estrutura será construída através de parceria entre duas cooperativas sediadas nessa região do Estado: Nova Produtiva, de Astorga, e Cocamar, de Maringá. Milho e soja recebidos pela nova unidade serão processados, prioritariamente, em Maringá. As entidades estudam ampliar o convênio para outros investimentos.

NAVARRO, Kauanna. Cocamar e Nova Produtiva fazem parceria. **Valor Econômico**, São Paulo, 25 nov. 2016. Empresas, p.B12.

COMÉRCIO

Muffato aloca R\$ 35 milhões em nova loja em Curitiba

A rede supermercadista Muffato investiu R\$ 35 milhões na implantação de sua nona unidade sob a bandeira Max Atacadista. Localizado em Curitiba, o estabelecimento funciona no modelo “atacarejo”, atendendo a consumidores finais, pequenos e médios varejistas. A estrutura inaugurada conta com 13 mil metros quadrados, aproximadamente.

A empresa planeja construir loja semelhante em São José dos Pinhais (Região Metropolitana de Curitiba) até o final de 2017.

INÁCIO, Livia. Muffato abre 8.º atacarejo na Grande Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 nov. 2016. p.34.

INDÚSTRIA

Cargill adquire unidade da SGS Microingredients

A Cargill adquiriu a unidade de produção de óleos industriais da SGS Microingredients, localizada no município de Ponta Grossa, na Região Centro-Oriental Paranaense. A nova controladora pretende reduzir a ociosidade da planta, com potencial de processar 60 toneladas de óleos utilizados por indústrias de alimentos, rações e cosméticos, dentre outras. Presentemente, a utilização da capacidade instalada da unidade encontra-se ao redor de 35%.

A produção de óleos industriais da Cargill, empresa de capital estadunidense, utiliza fontes como canola, milho, palma e soja.

LOPES, Fernando. Cargill investe em óleos industriais. **Valor Econômico**, São Paulo, 11 nov. 2016. Empresas, p.B11.

PepsiCo diversifica portfólio da fábrica de Curitiba

A unidade da PepsiCo em Curitiba incorporará a produção de batatas fritas, para atender à demanda dos estados do sul do Brasil. Para tanto, novo processo de empacotamento será implantado. Estabelecida na cidade há 42 anos, a planta processa *snacks* das marcas Elma Chips e Frito Lay, controladas pela empresa. A companhia detém 15 fábricas no País e reúne 32 marcas.

Produtores de batata de Contenda (Região Metropolitana de Curitiba), associados de programa técnico da empresa, serão fornecedores da nova linha.

FANES, Larissa. PepsiCo vai trazer produção da batata Lay's para Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 dez. 2016. p.26.

* Elaborado com informações disponíveis entre 01/11/2016 e 09/12/2016.

** Economista, coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Conjuntura do IPARDES.

SERVIÇOS

Madero planeja investimentos de R\$ 170 milhões em 2017

A rede de restaurantes Madero planeja inaugurar 40 novas unidades em 2017, sendo cinco delas nos Estados Unidos. A companhia pretende, ainda, expandir sua fábrica localizada em Ponta Grossa (Região Centro-Oriental Paranaense). Essa planta produz pães, hambúrgueres e doces.

A rede estima que o faturamento de 2016 alcance R\$ 350 milhões. A empresa procura investidor que adquira participação societária não superior a 20%. Esse capital será utilizado para a quitação de debêntures.

MADERO está em busca de sócio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 nov. 2016. p.21.

Expansão de terminais do Porto de Paranaguá

O terminal de contêineres de Paranaguá será expandido em 220 metros e sua unidade de armazenagem passará de 320 mil para 500 mil metros quadrados. Dessa forma, esse terminal poderá movimentar 2,5 milhões de contêineres anualmente, contra 1,5 milhão de capacidade atual. Para além disso, serão construídos *dolphins* (cabeços de amarração) dedicados à atracação de navios para transporte de veículos. Estima-se que as obras se estenderão até o final de 2018. Esses investimentos foram financiados com a emissão de debêntures e fazem parte de acordo de prorrogação, por 25 anos, da concessão do terminal.

O terminal de fertilizantes do porto também teve sua licença de arrendamento prorrogada por 25 anos. A arrendatária, Fospar, comprometeu-se a alocar R\$ 134,5 milhões na ampliação da estrutura, para possibilitar maior quantidade de navios atracados simultaneamente.

CAMAROTTO, Murillo. Governo prorroga concessões e prevê R\$ 20 bi em portos. **Valor Econômico**, São Paulo, 17 nov. 2016. Empresas, p.B3.

FRANÇA, Lucas. Terminal no porto levanta R\$ 588 milhões. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 nov. 2016. p.28.

ECONOMIA PARANAENSE – INDICADORES SELECIONADOS

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1983-2016

continua

ANO	ARROZ			BATATA-INGLESA			CAFÉ		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1983	216 400	368 313	1 702	45 004	422 870	9 396	440 000	354 000	805
1984	196 700	242 570	1 233	40 904	505 915	12 368	424 000	252 000	594
1985	200 000	296 000	1 480	38 992	497 522	12 760	424 000	318 000	750
1986	140 000	206 000	1 411	40 509	416 596	10 284	422 825	120 000	284
1987	202 923	342 844	1 690	50 155	662 129	13 202	430 000	510 000	1 186
1988	188 615	316 732	1 679	49 464	654 282	13 227	505 581	114 000	226
1989	163 633	295 698	1 807	39 622	502 158	12 673	493 324	267 039	541
1990	151 003	253 501	1 679	41 285	616 498	14 933	426 391	156 702	368
1991	121 297	163 056	1 909	41 650	653 824	15 698	383 355	201 922	527
1992	134 000	217 200	1 621	43 925	683 500	15 561	296 000	108 000	365
1993	127 500	232 500	1 824	40 800	624 872	15 315	230 000	100 000	435
1994	105 301	217 466	2 065	45 069	643 865	14 286	184 351	81 990	445
1995	108 600	225 000	2 072	43 038	620 300	14 413	13 750	7 350	535
1996	96 300	205 000	2 129	49 236	716 000	14 542	134 000	67 000	500
1997	85 487	176 057	2 059	45 399	665 840	14 666	127 895	109 630	858
1998	80 521	170 080	2 113	43 510	571 854	13 143	128 127	135 707	1 060
1999	81 894	186 880	2 282	41 931	615 832	14 687	136 642	141 813	1 038
2000	79 823	179 885	2 254	36 448	648 376	17 789	142 118	132 435	932
2001	78 568	186 678	2 376	32 661	594 124	18 191	63 304	28 299	447
2002	75 717	185 245	2 447	33 782	659 353	19 518	129 313	139 088	1 076
2003	71 543	193 493	2 705	30 527	609 007	19 950	126 349	117 274	928
2004	68 051	182 090	2 676	29 336	580 350	19 783	117 376	152 260	1 297
2005	59 607	137 050	2 299	27 513	529 977	19 263	106 303	86 417	813
2006	59 287	171 913	2 900	28 239	585 310	20 727	100 973	139 376	1 380
2007	54 197	174 254	3 215	27 338	600 666	21 972	97 623	103 698	1 062
2008	47 019	172 737	3 674	27 740	680 160	24 519	96 804	157 882	1 631
2009	43 790	167 628	3 828	26 438	547 681	20 716	85 315	87 655	1 027
2010	40 455	166 848	4 124	30 079	727 433	24 184	82 831	138 963	1 678
2011	38 856	192 020	4 942	31 175	793 754	25 461	74 854	110 728	1 479
2012	35 035	177 841	5 076	29 182	746 480	25 580	66 811	90 614	1 356
2013	32 827	175 910	5 359	27 475	717 415	26 112	65 151	99 747	1 531
2014	29 581	158 840	5 370	30 041	832 428	27 710	33 366	33 633	1 008
2015 ⁽¹⁾	27 365	163 551	5 977	30 607	835 884	27 310	43 569	79 520	1 825
2016 ⁽¹⁾	26 107	117 472	4 500	30 400	776 501	25 543	46 160	62 791	1 360

ANO	CANA-DE-AÇÚCAR			CEVADA			FEIJÃO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1983	110 930	9 664 965	87 127	21 442	18 915	882	699 685	347 035	496
1984	121 696	8 428 836	69 261	19 574	18 400	940	741 001	479 108	647
1985	140 878	10 425 000	74 000	36 297	65 512	1 722	723 764	499 617	690
1986	160 000	11 600 000	72 500	27 600	60 000	2 174	627 604	215 701	344
1987	160 420	11 911 431	74 252	40 670	92 000	2 262	754 210	391 355	519
1988	156 497	11 856 032	75 759	42 498	49 485	1 164	741 920	457 692	617
1989	153 539	11 401 852	74 260	40 402	102 351	2 532	528 741	223 031	422
1990	159 417	11 736 412	73 621	28 213	50 844	1 802	550 591	279 028	507
1991	172 296	12 500 000	72 550	22 974	31 052	1 352	624 036	348 332	558
1992	184 000	13 350 000	72 554	17 700	43 326	2 448	595 894	461 162	774
1993	196 000	14 000 000	71 429	23 946	48 860	2 040	545 800	444 000	813
1994	215 796	15 945 937	73 894	14 207	27 975	1 969	589 479	526 209	893
1995	255 000	18 870 000	74 000	20 235	30 800	1 515	487 309	422 451	867
1996	294 000	23 000 000	78 231	26 110	85 430	3 272	596 125	490 854	823
1997	306 000	24 500 000	80 065	36 971	106 030	2 868	557 123	475 458	853
1998	310 344	26 640 767	85 843	42 957	84 371	1 964	564 537	494 556	876
1999	338 939	27 016 957	79 710	31 864	78 722	2 471	680 317	570 097	838
2000	327 147	23 190 410	70 887	32 135	69 146	2 152	541 082	500 948	926
2001	337 574	27 156 281	80 445	40 456	76 209	1 884	428 343	470 214	1 098
2002	358 312	28 120 716	78 481	46 750	77 862	1 665	526 457	629 059	1 195
2003	375 698	32 721 425	87 095	53 479	184 786	3 455	544 906	718 084	1 318
2004	398 969	33 552 515	84 098	53 819	167 450	3 111	503 585	664 333	1 319
2005	397 825	28 011 069	70 411	54 712	127 661	2 333	435 201	554 670	1 275
2006	444 723	34 461 627	77 490	31 745	106 891	3 367	589 741	819 094	1 389
2007	554 855	46 539 991	83 878	46 679	134 414	2 880	545 239	769 399	1 411
2008	601 656	50 958 155	84 696	36 551	150 241	4 110	508 273	776 971	1 529
2009	644 914	54 756 307	84 905	45 017	125 229	2 782	643 288	787 180	1 224
2010	652 005	55 077 630	84 553	48 824	180 804	3 734	520 798	792 010	1 521
2011	645 088	49 846 477	77 301	51 062	194 441	3 812	521 196	815 280	1 564
2012	652 041	49 840 398	76 438	51 112	158 445	3 100	478 532	700 545	1 464
2013	663 336	49 486 416	74 602	46 422	191 624	4 128	484 568	673 783	1 390
2014	677 293	50 025 094	73 860	53 226	188 787	3 547	515 110	805 941	1 565
2015 ⁽¹⁾	672 590	51 315 949	76 296	49 763	133 199	2 705	405 665	711 823	1 755
2016 ⁽¹⁾	663 911	49 740 741	74 921	42 519	194 291	4 570	393 694	600 108	1 524

TABELA 1 - ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DO PARANÁ - 1983-2016

conclusão

ANO	FUMO			MANDIOCA			MILHO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1983	19 130	29 250	1 529	69 870	1 452 870	20 794	2 361 800	5 018 870	2 125
1984	19 474	34 844	1 789	73 688	1 446 258	19 627	2 447 000	5 400 000	2 207
1985	19 150	35 980	1 879	85 800	1 722 864	20 080	2 332 840	5 803 713	2 488
1986	18 300	27 914	1 525	85 800	1 700 000	19 814	2 300 000	4 300 000	1 870
1987	23 150	40 800	1 762	85 445	1 853 950	21 698	2 846 000	7 641 800	2 685
1988	22 520	44 482	1 975	85 242	1 855 328	21 765	2 269 862	5 558 805	2 449
1989	22 827	41 972	1 839	77 349	1 622 846	20 981	2 137 234	5 296 080	2 478
1990	22 502	40 315	1 792	101 854	2 184 599	21 448	2 079 784	5 160 823	2 481
1991	22 865	41 494	1 815	102 265	2 261 788	22 117	2 358 797	4 827 112	2 046
1992	31 085	61 000	1 962	100 000	2 100 000	21 000	2 610 000	7 370 000	2 824
1993	35 364	67 141	1 899	137 000	3 014 000	22 000	2 703 000	8 158 000	3 018
1994	32 768	63 027	1 923	157 625	3 419 935	21 700	2 512 859	8 162 472	3 248
1995	32 588	52 638	1 615	144 000	3 168 000	22 000	2 727 800	8 960 400	3 285
1996	34 446	59 529	1 728	115 232	2 500 000	21 695	2 463 000	7 911 000	3 212
1997	41 163	74 493	1 810	144 500	2 600 000	17 993	2 503 003	7 752 217	3 097
1998	38 624	57 273	1 483	149 934	3 241 800	21 622	2 229 524	7 935 376	3 559
1999	36 116	68 076	1 885	164 258	3 446 805	20 984	2 520 818	8 777 465	3 482
2000	33 910	64 548	1 904	182 850	3 779 827	20 672	2 233 858	7 367 262	3 298
2001	34 736	68 594	1 975	172 815	3 614 859	20 918	2 820 597	12 689 549	4 499
2002	41 890	82 303	1 965	142 892	3 463 968	24 242	2 461 816	9 857 504	4 004
2003	53 292	100 768	1 891	108 097	2 476 346	22 909	2 843 704	14 403 495	5 065
2004	67 128	134 100	1 998	150 217	2 956 771	19 683	2 464 652	10 953 869	4 444
2005	78 890	153 126	1 941	166 885	3 346 333	20 052	2 003 080	8 545 711	4 266
2006	83 602	155 533	1 860	169 705	3 789 166	22 328	2 507 903	11 697 442	4 664
2007	79 173	158 700	2 004	173 235	3 762 445	21 719	2 730 179	13 835 369	5 068
2008	73 428	148 037	2 016	149 350	3 449 726	23 098	2 969 632	15 414 362	5 191
2009	75 774	151 063	1 994	175 709	4 200 910	23 908	2 783 036	11 159 845	4 010
2010	79 266	161 137	2 033	172 214	4 012 948	23 312	2 261 992	13 540 981	5 986
2011	80 211	171 837	2 142	184 263	4 179 245	22 688	2 270 694	12 441 626	5 036
2012	70 376	156 834	2 229	159 115	3 869 080	24 316	3 013 870	16 516 036	5 480
2013	70 901	157 997	2 228	156 797	3 774 184	24 071	3 031 691	17 353 450	5 724
2014	76 291	172 346	2 259	151 562	3 672 738	24 233	2 558 644	15 807 349	6 178
2015 ⁽¹⁾	76 586	180 378	2 355	143 034	3 958 983	27 679	2 465 012	16 223 473	6 581
2016 ⁽¹⁾	73 696	147 991	2 008	133 220	3 744 351	28 107	2 611 333	13 724 174	5 256

ANO	SOJA			TOMATE			TRIGO		
	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Produt. (kg/ha)
1983	2 022 000	4 315 000	2 134	898 265	1 066 000	1 187
1984	2 177 900	4 121 000	1 892	829 211	1 113 009	1 342
1985	2 196 370	4 413 000	2 009	1 295 548	2 696 023	2 081
1986	1 745 000	2 600 000	1 490	1 947 000	2 950 000	1 115
1987	1 718 000	3 810 000	2 218	1 717 500	3 300 000	1 921
1988	2 123 379	4 771 264	2 247	1 773 797	3 250 000	1 832
1989	2 399 993	5 031 297	2 096	1 829 680	3 207 000	1 753
1990	2 267 638	4 649 752	2 050	1 359	54 297	39 954	1 197 149	1 394 052	1 164
1991	1 972 538	3 531 216	1 790	1 494	62 054	41 535	1 082 358	1 825 959	1 687
1992	1 794 000	3 417 000	1 905	1 400	58 287	41 634	1 220 000	1 600 000	1 311
1993	2 076 000	4 817 000	2 320	1 464	62 605	42 763	696 000	1 023 000	1 470
1994	2 154 077	5 332 893	2 476	1 691	74 453	44 029	599 070	1 012 439	1 690
1995	2 199 720	5 624 440	2 557	2 068	87 535	42 328	579 000	960 000	1 658
1996	2 392 000	6 448 800	2 696	2 815	121 508	43 164	1 024 480	1 977 030	1 930
1997	2 551 651	6 582 273	2 580	2 238	89 937	40 186	899 024	1 629 226	1 812
1998	2 858 697	7 313 460	2 558	2 492	101 895	40 889	893 302	1 509 420	1 690
1999	2 786 857	7 752 472	2 782	2 457	105 552	42 960	707 518	1 446 782	2 045
2000	2 859 362	7 199 810	2 518	2 594	116 092	44 754	437 761	599 355	1 369
2001	2 821 906	8 628 469	3 058	3 032	137 509	45 353	873 465	1 840 114	2 107
2002	3 316 379	9 565 905	2 884	3 474	168 865	48 608	1 035 501	1 557 547	1 504
2003	3 653 266	11 018 749	3 016	3 293	165 394	50 226	1 197 192	3 121 534	2 607
2004	4 007 099	10 221 323	2 551	3 207	161 378	50 321	1 358 592	3 051 213	2 246
2005	4 147 006	9 535 660	2 299	3 532	185 299	52 463	1 273 243	2 800 094	2 199
2006	3 948 520	9 466 405	2 397	3 479	180 014	51 743	762 339	1 204 747	1 580
2007	4 001 443	11 882 704	2 970	4 719	310 338	65 764	820 948	1 863 716	2 270
2008	3 967 764	11 764 466	2 965	4 667	289 630	62 059	1 153 251	3 216 590	2 789
2009	4 077 142	9 410 791	2 308	4 804	300 716	62 597	1 308 782	2 482 647	1 916
2010	4 479 869	14 091 821	3 146	5 025	312 319	62 153	1 172 860	3 419 293	2 916
2011	4 555 312	15 457 911	3 393	5 715	347 528	60 810	1 053 924	2 427 721	2 381
2012	4 454 655	10 924 321	2 452	5 585	338 488	60 607	782 308	2 107 665	2 694
2013	4 754 076	15 924 318	3 350	4 965	285 176	57 437	1 000 099	1 886 948	1 887
2014	5 011 446	14 783 712	2 950	4 792	287 161	59 925	1 388 548	3 792 262	2 731
2015 ⁽¹⁾	5 246 532	17 262 381	3 290	4 445	265 674	59 769	1 336 739	3 318 802	2 483
2016 ⁽¹⁾	5 449 462	16 824 385	3 087	4 387	249 760	56 932	1 084 294	3 383 850	3 121

FONTES: SEAB/DERAL, IBGE

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Estimativa.

TABELA 2 - ABATES DE AVES, BOVINOS E SUÍNOS - PARANÁ - 1997-2016

PERÍODO	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (t)		
	Aves	Bovinos	Suínos
1997	720 154	225 021	189 459
1998	854 517	236 358	193 435
1999	957 237	198 873	229 466
2000	1 041 412	181 113	235 315
2001	1 121 828	197 985	263 451
2002	1 235 681	219 350	333 951
2003	1 344 398	219 774	359 139
2004	1 557 656	276 808	340 645
2005	1 788 481	308 947	367 765
2006	1 856 538	316 897	390 394
2007	2 057 318	295 010	437 152
2008	2 480 908	279 609	454 340
2009	2 489 061	282 220	509 156
2010	2 725 634	338 599	531 514
2011	2 868 973	279 585	629 586
2012	3 033 270	314 986	623 822
2013	3 379 689	333 180	606 446
2014	3 651 564	336 966	611 183
2015 ⁽¹⁾	3 994 430	300 325	676 257
Janeiro	318 585	22 882	51 620
Fevereiro	279 430	19 611	44 754
Março	349 135	22 862	58 679
Abril	329 529	24 684	58 578
Maio	339 909	24 316	58 895
Junho	337 715	26 276	59 058
Julho	356 162	24 598	63 178
Agosto	337 640	24 082	57 847
Setembro	333 332	26 472	56 881
Outubro	345 604	28 759	56 841
Novembro	338 346	24 474	54 304
Dezembro	329 043	31 309	55 621
2016 ⁽¹⁾	3 099 364	212 182	538 328
Janeiro	333 554	23 448	54 079
Fevereiro	322 393	22 453	56 701
Março	360 057	25 382	61 804
Abril	348 437	22 938	60 714
Maio	355 399	22 216	58 950
Junho	362 652	24 798	60 712
Julho	339 015	21 999	58 896
Agosto	353 048	23 737	63 347
Setembro	324 808	25 211	63 125

FONTE: IBGE - Pesquisa Trimestral de Abate de Animais

(1) Resultados preliminares.

TABELA 3 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-2016

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados				
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,10	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 816	45,38	665 062	15,73	1 614 172	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 682	44,14	626 797	15,94	1 528 226	38,86	41 954	1,07	3 932 659
2000	1 661 374	37,81	498 631	11,35	2 158 622	49,12	75 534	1,72	4 394 162
2001	2 280 991	42,87	561 285	10,55	2 416 688	45,42	61 247	1,15	5 320 211
2002	2 384 075	41,80	668 797	11,73	2 576 841	45,18	73 368	1,29	5 703 081
2003	2 985 014	41,70	877 848	12,26	3 217 442	44,95	77 549	1,08	7 157 853
2004	3 908 974	41,56	969 099	10,30	4 437 090	47,18	89 862	0,96	9 405 026
2005	3 297 780	32,87	993 498	9,90	5 608 205	55,89	134 049	1,34	10 033 533
2006	2 931 247	29,26	1 146 938	11,45	5 755 975	57,47	182 177	1,82	10 016 338
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857
2008	5 787 485	37,96	1 611 541	10,57	7 540 538	49,46	307 620	2,02	15 247 184
2009	4 985 127	44,42	1 304 406	11,62	4 719 959	42,06	213 335	1,90	11 222 827
2010	5 983 154	42,21	1 800 201	12,70	6 121 495	43,18	270 994	1,91	14 175 844
2011	7 952 480	45,72	2 410 778	13,86	6 645 958	38,21	385 059	2,21	17 394 275
2012	8 356 708	47,19	2 274 620	12,84	6 748 089	38,10	330 174	1,86	17 709 591
2013	9 068 374	49,72	2 099 371	11,51	6 817 117	37,38	254 339	1,39	18 239 202
2014	8 304 081	50,85	1 955 979	11,98	5 819 271	35,63	252 789	1,55	16 332 120
2015 ⁽¹⁾	7 649 587	51,31	1 655 686	11,11	5 428 565	36,41	175 242	1,18	14 909 081
Janeiro	346 967	38,39	175 372	19,40	370 220	40,96	11 343	1,25	903 902
Fevereiro	362 693	42,54	82 833	9,72	396 223	46,47	10 866	1,27	852 614
Março	679 033	54,44	81 296	6,52	471 656	37,82	15 273	1,22	1 247 258
Abril	836 330	60,46	91 827	6,64	437 100	31,60	17 972	1,30	1 383 229
Maio	677 287	54,06	132 889	10,61	427 685	34,13	15 087	1,20	1 252 947
Junho	945 529	55,49	178 702	10,49	556 352	32,65	23 404	1,37	1 703 988
Julho	895 131	58,22	151 773	9,87	467 683	30,42	22 850	1,49	1 537 437
Agosto	783 815	55,37	170 353	12,03	448 751	31,70	12 795	0,90	1 415 715
Setembro	639 782	49,45	169 927	13,13	468 463	36,21	15 681	1,21	1 293 853
Outubro	539 378	45,84	137 840	11,71	488 869	41,55	10 585	0,90	1 176 672
Novembro	444 235	44,09	122 511	12,16	430 755	42,75	10 085	1,00	1 007 586
Dezembro	499 408	44,04	160 363	14,14	464 807	40,99	9 301	0,82	1 133 880
2016 ⁽¹⁾	6 777 585	48,68	1 754 362	12,60	5 309 916	38,14	79 779	0,57	13 921 642
Janeiro	443 582	50,92	95 671	10,98	324 215	37,22	7 724	0,89	871 191
Fevereiro	506 985	50,55	54 316	5,42	435 809	43,45	5 805	0,58	1 002 915
Março	903 242	60,61	104 723	7,03	473 748	31,79	8 454	0,57	1 490 167
Abril	935 222	62,38	85 062	5,67	468 777	31,27	10 153	0,67	1 499 214
Maio	810 823	53,56	171 633	11,34	522 521	34,52	8 807	0,58	1 513 784
Junho	738 827	49,60	219 489	14,74	521 347	35,00	9 793	0,66	1 489 456
Julho	745 730	53,96	174 600	12,63	454 100	32,86	7 511	0,54	1 381 941
Agosto	510 060	37,85	278 356	20,65	556 155	41,27	3 150	0,23	1 347 720
Setembro	480 831	38,47	236 993	18,96	525 071	42,01	7 077	0,57	1 249 972
Outubro	397 900	37,96	166 048	15,84	478 906	45,69	5 320	0,51	1 048 174
Novembro	304 384	29,64	167 471	16,31	549 268	53,48	5 984	0,58	1 027 107

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 4 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1994-2016

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994	3 506 749	1 589 440	1 917 309	43 545 149	33 078 690	10 466 459
1995	3 567 346	2 390 291	1 177 055	46 506 282	49 971 896	- 3 465 614
1996	4 245 905	2 434 733	1 811 172	47 746 728	53 345 767	- 5 599 039
1997	4 853 587	3 306 968	1 546 619	52 982 726	59 747 227	- 6 764 501
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	- 6 623 614
1999	3 932 659	3 699 490	233 169	48 012 790	49 301 558	- 1 288 768
2000	4 394 162	4 686 229	- 292 067	55 118 920	55 850 663	- 731 743
2001	5 320 211	4 928 952	391 259	58 286 593	55 601 758	2 684 835
2002	5 703 081	3 333 392	2 369 689	60 438 653	47 242 654	13 195 999
2003	7 157 853	3 486 051	3 671 802	73 203 222	48 325 567	24 877 655
2004	9 405 026	4 026 146	5 378 879	96 677 499	62 835 616	33 841 883
2005	10 033 533	4 527 237	5 506 296	118 529 185	73 600 376	44 928 809
2006	10 016 338	5 977 971	4 038 367	137 807 470	91 350 840	46 456 629
2007	12 352 857	9 017 988	3 334 870	160 649 073	120 617 446	40 031 627
2008	15 247 184	14 570 222	676 962	197 942 443	172 984 768	24 957 675
2009	11 222 827	9 620 843	1 601 984	152 994 743	127 722 343	25 272 400
2010	14 176 010	13 956 957	219 054	201 915 285	181 768 427	20 146 858
2011	17 394 228	18 767 763	- 1 373 534	256 039 575	226 246 756	29 792 819
2012	17 709 591	19 387 794	- 1 678 203	242 578 014	223 183 477	19 394 537
2013	18 239 202	19 345 381	- 1 106 178	242 033 575	239 747 516	2 286 059
2014	16 332 120	17 295 813	- 963 693	225 100 885	229 154 463	- 4 053 578
2015 ⁽¹⁾	14 909 081	12 448 504	2 460 577	191 134 325	171 449 051	19 685 274
Janeiro	903 902	1 056 033	- 152 131	13 704 045	16 873 839	- 3 169 795
Fevereiro	852 614	1 033 043	- 180 428	12 092 231	14 932 173	- 2 839 942
Março	1 247 258	1 126 997	120 260	16 978 969	16 518 673	460 295
Abril	1 383 229	1 043 216	340 013	15 156 275	14 666 063	490 211
Mai	1 252 947	1 077 261	175 686	16 769 183	14 010 831	2 758 351
Junho	1 703 988	1 236 981	467 007	19 628 438	15 099 376	4 529 062
Julho	1 537 437	1 172 766	364 672	18 533 066	16 146 430	2 386 635
Agosto	1 415 715	1 020 095	395 619	15 485 353	12 794 393	2 690 960
Setembro	1 293 853	1 090 034	203 819	16 148 183	13 202 278	2 945 905
Outubro	1 176 672	979 633	197 039	16 048 987	14 053 112	1 995 874
Novembro	1 007 586	876 578	131 008	13 806 365	12 608 646	1 197 719
Dezembro	1 133 880	735 868	398 011	16 783 231	10 543 234	6 239 998
2016 ⁽¹⁾	13 921 642	10 134 011	3 787 631	169 302 939	126 026 018	43 276 921
Janeiro	871 191	737 597	133 594	11 237 670	10 322 544	915 125
Fevereiro	1 002 915	767 288	235 627	13 343 462	10 300 980	3 042 482
Março	1 490 167	930 172	559 994	15 991 810	11 560 611	4 431 199
Abril	1 499 214	852 268	646 946	15 371 763	10 509 578	4 862 185
Mai	1 513 784	827 566	686 217	17 568 696	11 136 114	6 432 582
Junho	1 489 456	972 373	517 083	16 738 122	12 769 518	3 968 604
Julho	1 381 941	1 023 064	358 878	16 328 248	11 752 440	4 575 808
Agosto	1 347 721	1 058 576	289 145	16 986 590	12 848 518	4 138 072
Setembro	1 249 972	1 041 383	208 589	15 800 147	11 987 133	3 813 014
Outubro	1 048 174	981 236	66 938	13 715 937	11 375 591	2 340 346
Novembro	1 027 107	942 487	84 620	16 220 494	11 462 992	4 757 503

FONTE: MDIC/SECEX

(1) Dados preliminares.

TABELA 5 - ÍNDICES DE PREÇO, DE QUANTUM E DE TERMOS DE TROCA - PARANÁ - 1998-2015

PERÍODO	EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		TERMOS DE TROCA
	Índice de Preço	Índice de Quantum	Índice de Preço	Índice de Quantum	
1998	79,8	109,3	88,7	104,7	90,0
1999	79,6	117,1	91,6	75,4	86,9
2000	94,4	118,6	94,1	101,9	100,3
2001	92,8	130,7	89,7	88,8	103,4
2002	90,8	118,2	95,2	53,8	95,4
2003	99,7	126,1	105,4	75,2	94,6
2004	106,5	123,6	101,0	86,6	105,4
2005	95,3	112,1	105,3	80,9	90,5
2006	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2007	106,5	116,0	100,4	113,8	106,1
2008	119,9	103,1	125,3	97,6	95,7
2009	84,2	87,6	79,2	63,2	106,4
2010	102,7	123,2	97,4	112,8	105,4
2011	111,2	110,5	108,5	93,9	102,5
2012	93,5	109,1	93,5	83,7	100,0
2013	93,9	109,8	92,6	81,6	101,5
2014	89,6	100,1	91,3	74,2	98,2
2015	78,8	116,1	84,6	64,4	93,1

FONTE: IPARDES

NOTAS: Base fixa: 2006=100

Elaborado com dados brutos da SECEX-MDIC.

Utilizou-se índices de Fisher.

TABELA 6 - ÍNDICE DE VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA DO PARANÁ - 2000-2016

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)																		
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Jan./15	Fev./15	Mar./15
Combustíveis e lubrificantes	91,7	94,1	110,2	117,5	122,0	119,4	99,8	102,4	104,7	103,5	104,1	100,00	108,0	120,8	127,2	123,1	130,7	109,1	128,9
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	78,9	77,1	72,7	70,2	78,3	72,8	77,2	82,3	85,5	89,2	94,3	100,00	110,2	116,6	120,3	118,7	132,8	116,0	119,2
Hipermercados e supermercados	79,1	77,7	73,5	71,1	79,3	73,1	77,5	82,6	85,6	89,4	94,4	100,00	110,6	116,9	120,7	119,3	134,2	116,7	119,6
Tecidos, vestuário e calçados	89,7	90,7	79,8	83,3	89,4	90,2	88,9	93,5	97,7	97,1	101,8	100,00	106,2	106,4	106,4	95,9	92,6	74,5	88,7
Móveis e eletrodomésticos	37,3	35,6	35,0	37,4	48,4	54,8	59,5	66,9	73,5	73,8	85,6	100,00	107,3	111,9	108,4	95,8	122,2	87,4	98,5
Móveis	100,00	107,3	103,3	97,1	79,9	103,6	78,6	83,2
Eletrodomésticos	100,00	109,2	120,4	118,2	109,0	137,8	95,1	111,3
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	41,5	45,7	48,5	51,3	58,3	72,0	85,9	100,00	120,6	133,9	140,5	147,6	141,0	136,2	151,4
Livros, jornais, revistas e papeleria	70,7	70,7	68,0	70,9	80,6	88,5	102,2	100,00	96,6	104,9	83,8	73,1	122,2	90,7	79,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,4	11,3	17,1	22,0	43,8	69,7	95,4	100,00	92,4	85,3	70,9	69,7	70,0	69,3	80,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	41,9	47,8	55,5	60,6	71,3	79,1	91,7	100,00	120,6	131,5	141,0	137,6	145,6	117,7	134,8
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	63,0	62,4	62,0	62,6	69,6	68,9	71,0	76,0	81,3	85,6	93,5	100,00	110,0	116,9	119,7	115,9	127,6	107,9	116,9

ATIVIDADE	ÍNDICE (base fixa: 2011 = 100)																			
	Abr./15	Mai./15	Jun./15	Jul./15	Ago./15	Set./15	Out./15	Nov./15	Dez./15	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai./16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16	Out./16
Combustíveis e lubrificantes	124,6	129,2	124,4	130,0	130,2	122,6	123,0	111,2	113,8	112,0	111,5	109,1	108,5	110,3	113,0	114,0	118,2	116,4	110,0	109,0
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	116,5	113,2	110,3	112,1	113,4	111,9	121,0	111,5	146,3	113,6	121,1	113,5	118,6	113,6	108,4	108,3	113,8	110,3	113,0	115,7
Hipermercados e supermercados	117,1	113,4	110,7	112,4	113,6	112,2	121,4	112,3	148,2	114,7	122,8	114,7	119,9	114,7	109,1	109,0	114,7	111,1	114,1	116,7
Tecidos, vestuário e calçados	92,3	113,7	94,2	93,5	90,9	81,7	88,0	86,7	154,2	83,4	73,7	65,4	76,6	87,3	106,9	95,5	84,2	88,3	74,6	81,8
Móveis e eletrodomésticos	86,0	94,8	82,8	89,6	85,2	85,4	93,1	101,3	122,8	80,3	91,4	81,0	82,0	78,1	85,5	77,7	77,2	77,3	71,9	80,4
Móveis	73,2	77,8	68,6	73,7	70,0	70,2	76,6	84,0	99,5	70,9	84,5	70,9	72,7	70,8	76,3	67,7	67,6	66,6	63,2	68,8
Eletrodomésticos	96,9	109,0	94,6	102,8	97,8	98,0	106,9	115,7	142,0	88,3	97,6	89,7	90,0	84,6	93,6	86,2	85,3	86,4	79,3	90,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	138,8	141,7	140,6	146,6	146,8	150,7	153,6	152,6	171,6	143,6	141,1	125,4	158,0	142,7	146,2	142,5	147,1	145,6	141,0	145,9
Livros, jornais, revistas e papeleria	74,6	74,8	60,7	66,1	61,7	60,7	43,5	39,3	103,5	58,6	83,4	79,1	64,2	55,9	52,3	50,7	53,6	58,2	51,6	37,0
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	72,0	74,6	70,3	70,0	68,1	62,8	65,2	66,3	67,5	56,5	57,1	55,4	59,2	53,4	53,1	57,2	57,5	58,7	56,4	56,8
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	130,7	148,1	127,7	126,6	125,3	113,7	137,0	136,2	208,2	111,3	111,1	96,3	113,0	109,0	118,8	115,1	110,9	109,5	102,4	127,2
COMÉRCIO VAREJISTA - TOTAL	112,7	116,0	109,0	111,7	111,6	108,3	115,9	110,1	143,3	106,5	110,8	102,7	109,1	106,1	107,4	105,1	107,3	105,6	103,4	107,9

FONTE: IBGE - Pesquisa Mensal do Comércio

NOTA: Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

TABELA 7 - PRODUÇÃO FÍSICA DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO PARANÁ, SEGUNDO SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS - 2003-2016

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																	
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	Jan./15	Fev./15	Mar./15	Abr./15	Mai./15
Indústria de transformação	66,8	74,0	77,0	74,0	80,3	88,3	81,0	95,2	105,9	100,0	103,2	97,3	88,3	81,5	81,0	91,3	91,2	92,9
Produtos alimentícios	87,5	91,7	88,6	93,7	97,0	94,3	90,1	97,6	98,0	100,0	102,4	96,2	94,3	73,7	72,9	89,9	98,0	103,3
Bebidas	64,4	67,5	72,3	82,7	82,0	83,3	86,1	95,8	96,6	100,0	99,7	104,5	103,4	123,6	105,1	116,4	94,6	88,3
Produtos de madeira	112,0	130,7	114,7	100,1	94,7	93,2	72,1	79,3	86,3	100,0	117,3	120,9	119,7	118,5	110,1	125,2	121,9	127,9
Celulose, papel e produtos de papel	71,9	75,1	80,9	82,4	81,9	95,6	94,8	100,0	101,1	100,0	98,8	100,5	110,0	105,2	92,6	109,7	103,5	105,1
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	94,1	82,9	90,9	91,9	88,6	95,0	94,6	86,6	97,1	100,0	97,0	100,7	95,5	74,9	82,5	96,3	96,2	103,8
Outros produtos químicos	171,3	153,4	124,1	120,8	134,1	104,9	126,4	108,7	111,3	100,0	102,0	101,5	97,7	109,0	88,5	85,7	92,2	106,8
Produtos de borracha e de material plástico	100,0	109,6	106,5	97,6	98,8	93,0	104,4	95,8	105,2
Minerais não metálicos	74,8	70,4	72,8	69,3	73,2	92,7	94,9	99,9	103,1	100,0	110,5	110,5	89,8	90,4	84,1	102,0	91,7	98,7
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	73,4	77,6	75,6	76,3	80,3	85,1	73,7	89,7	98,8	100,0	105,8	96,2	87,3	85,0	84,3	94,5	90,2	92,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	60,3	63,8	69,0	70,1	77,6	79,5	80,5	85,4	89,9	100,0	104,1	106,3	92,8	106,1	110,4	116,3	94,6	97,6
Máquinas e equipamentos	70,5	88,2	74,6	73,2	94,2	103,6	84,6	114,0	107,0	100,0	112,1	98,1	89,8	97,7	101,6	107,5	101,4	93,2
Veículos automotores, reboques e carrocerias	34,2	51,5	62,4	49,6	64,7	80,1	58,3	91,8	119,3	100,0	103,8	82,4	55,5	54,1	60,0	58,4	63,2	53,8
Móveis	83,2	85,2	80,9	82,5	93,2	85,6	77,8	99,6	94,2	100,0	101,4	94,0	76,2	89,0	76,3	91,5	84,4	78,4

SEÇÃO/ATIVIDADE (CNAE 2.0) ⁽¹⁾	ÍNDICE (base: média de 2012 = 100)																	
	Jun./15	Jul./15	Ago./15	Set./15	Out./15	Nov./15	Dez./15	2016	Jan./16	Fev./16	Mar./16	Abr./16	Mai./16	Jun./16	Jul./16	Ago./16	Set./16	Out./16
Indústria de transformação	93,8	92,8	93,3	93,7	91,8	83,2	73,5	85,0	71,7	74,7	85,6	84,7	83,5	89,0	93,2	90,8	85,8	90,5
Produtos alimentícios	109,0	99,8	113,6	102,2	100,6	88,1	80,9	99,6	71,0	76,9	100,8	104,4	100,6	106,6	113,3	107,7	106,2	108,3
Bebidas	86,8	89,8	93,1	107,7	116,1	121,7	97,8	116,6	126,5	121,6	128,9	114,8	90,9	95,4	94,3	133,3	126,9	133,5
Produtos de madeira	127,5	120,1	133,0	122,2	118,6	112,0	99,5	126,2	115,2	109,7	128,3	125,0	129,0	127,7	125,6	135,7	134,2	131,6
Celulose, papel e produtos de papel	110,9	110,5	119,0	106,8	116,3	118,9	121,8	110,9	102,1	104,8	110,8	108,1	103,5	111,5	123,9	116,3	115,0	112,8
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	103,7	96,7	93,3	110,8	102,5	90,3	95,2	82,4	85,0	76,6	80,7	88,4	87,4	89,6	89,2	69,6	66,1	91,3
Outros produtos químicos	105,2	116,1	103,4	118,4	105,6	72,9	69,0	91,5	88,0	89,6	75,3	64,8	83,2	102,6	100,1	107,7	112,3	91,4
Produtos de borracha e de material plástico	102,8	97,1	98,5	98,9	103,6	96,8	76,5	96,6	86,3	90,6	99,7	95,1	95,5	101,5	99,2	109,3	93,5	95,5
Minerais não metálicos	90,1	84,8	96,9	90,3	93,1	83,9	71,3	73,5	73,9	76,7	78,5	78,2	70,7	72,8	78,8	77,6	60,4	67,5
Produtos de metal - exceto máquinas e equip.	85,2	87,6	87,6	86,8	94,0	94,5	64,8	77,9	66,3	73,6	80,9	71,3	82,5	84,0	79,1	83,8	78,6	78,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	80,3	86,1	93,4	87,5	95,6	85,1	61,1	84,5	75,5	73,6	88,2	89,4	91,4	91,4	78,9	95,7	76,0	84,8
Máquinas e equipamentos	77,5	92,7	90,7	96,3	89,0	80,3	50,0	88,4	51,1	54,6	85,8	67,8	77,5	93,9	103,4	121,3	118,3	110,6
Veículos automotores, reboques e carrocerias	64,2	70,6	54,6	53,2	51,3	48,2	34,1	51,4	34,9	48,9	54,4	53,2	47,0	52,6	64,2	58,6	49,5	51,1
Móveis	69,6	69,9	69,7	70,3	72,4	76,4	66,5	66,8	69,9	72,5	73,9	67,1	67,0	61,1	59,0	67,1	64,6	65,9

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal

NOTAS: Índice sem ajuste sazonal.

Sinal convencional utilizado:

... Dado não disponível.

(1) Somente as atividades que apresentam produtos incluídos na amostra.

TABELA 8 - RENDIMENTO HABITUAL REAL E TAXA DE DESOCUPAÇÃO, NO PARANÁ - 2012-2016

TRIMESTRE	RENDIMENTO HABITUAL REAL ⁽¹⁾	TAXA DE DESOCUPAÇÃO (%)
Janeiro-março 2012	2 124	5,6
Abril-junho 2012	2 072	5,3
Julho-setembro 2012	2 140	4,6
Outubro-dezembro 2012	2 095	4,3
Janeiro-março 2013	2 157	4,9
Abril-junho 2013	2 150	4,5
Julho-setembro 2013	2 199	4,2
Outubro-dezembro 2013	2 193	3,7
Janeiro-março 2014	2 228	4,1
Abril-junho 2014	2 199	4,1
Julho-setembro 2014	2 213	4,1
Outubro-dezembro 2014	2 276	3,7
Janeiro-março 2015	2 269	5,3
Abril-junho 2015	2 216	6,2
Julho-setembro 2015	2 208	6,1
Outubro-dezembro 2015	2 133	5,8
Janeiro-março 2016	2 098	8,1
Abril-junho 2016	2 085	8,2
Julho-setembro 2016	2 130	8,5

FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral

(1) Rendimento médio real do trabalho principal, habitualmente recebido por mês, pelas pessoas. Em R\$ de agosto de 2016.

TABELA 9 - SALDO DO EMPREGO FORMAL - PARANÁ⁽¹⁾ - 1995-2016

ANO	SETORES (número de vagas)						TOTAL
	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Outros/ Ignorado	
1995	-15 192	-2 923	-6 410	602	-1 448	44	-25 327
1996	-7 081	-2 096	-6 691	-16 109	-793	-35	-32 805
1997	4 464	278	6 529	-2 100	-1 000	-708	7 463
1998	-16 127	-3 658	-7 332	-4 695	-3 634	-211	-35 657
1999	3 137	-10 241	582	-1 295	-8 646	-186	-16 649
2000	8 475	-18	7 548	13 733	-1 866	271	28 143
2001	22 087	-6 701	14 536	22 888	1 026	21	53 857
2002	24 035	-1 376	21 872	14 299	-241	-	58 589
2003	18 066	-3 903	24 774	17 345	6 075	13	62 370
2004	49 092	1 417	35 049	30 151	6 938	1	122 648
2005	14 385	2 091	25 183	31 223	962	4	72 374
2006	23 697	5 955	21 205	34 294	1 245	-	86 396
2007	46 524	8 011	30 502	31 571	5 753	-	122 361
2008	22 765	13 713	33 067	35 278	6 080	-	110 903
2009	12 993	8 271	22 755	29 446	-4 381	-	69 084
2010	41 116	17 597	36 111	49 868	-2 209	-	142 483
2011	26 065	10 656	33 269	53 433	493	-	123 916
2012	14 861	5 940	28 922	37 520	1 896	-	89 139
2013	15 600	3 111	28 135	41 308	2 195	-	90 349
2014	- 8 188	3 219	13 507	32 636	- 162	-	41 012
2015	- 47 096	- 16 133	- 12 526	- 2 860	3 067	-	- 75 548
Jan. - Nov. 2016	- 14 123	- 9 788	- 4 605	- 177	- 227	-	- 28 920

FONTE: MTE - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

NOTA: Sinal convencional utilizado:

- Dado inexistente.

(1) Levantamento financiado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).

TABELA 10 - PRODUTO INTERNO BRUTO DO PARANÁ E DO BRASIL - 2002-2015

ANO	PARANÁ ⁽¹⁾		BRASIL ⁽²⁾	
	Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾	Variação Real (%)	Valor (R\$ milhão) ⁽²⁾	Variação Real (%)
2002	88 236	-	1 488 787	-
2003	110 039	4,0	1 717 950	1,1
2004	123 452	5,4	1 957 751	5,8
2005	127 465	0,6	2 170 585	3,2
2006	137 648	1,9	2 409 450	4,0
2007	165 209	7,2	2 720 263	6,1
2008	185 684	4,0	3 109 803	5,1
2009	196 676	- 1,7	3 333 039	- 0,1
2010	225 205	9,9	3 885 847	7,5
2011	257 122	4,6	4 376 382	4,0
2012	285 620	0,0	4 814 760	1,9
2013	333 481	5,5	5 331 619	3,0
2014	348 084	- 1,5	5 778 953	0,5
2015	365 881	- 3,3	6 000 570	- 3,8

FONTE: IBGE/ IPARDES – Contas Regionais do Brasil

NOTA: Nova metodologia, referência 2010.

(1) O resultado para o Estado do Paraná, no ano de 2015, é estimativa preliminar do IparDES.

(2) Dado do PIB do Brasil de 2015, calculado pelo IBGE, refere-se às Contas Nacionais Trimestrais.

(3) Preços correntes de mercado.